

**PATRIMÔNIO DE QUEM E PARA QUE: INVENTÁRIO
PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO
RAIMUNDO NONATO – PI**

**HERITAGE OF WHOM AND FOR WHAT: PARTICIPATORY
INVENTORY OF THE CULTURAL HERITAGE OF SÃO RAIMUNDO
NONATO – PI**

**PATRIMONIO DE QUIÉN Y PARA QUÉ: INVENTARIO
PARTICIPATIVO DEL PATRIMONIO CULTURAL DE SÃO
RAIMUNDO NONATO – PI**

Alencar de Miranda Amaral¹
Mario Rodrigues de Lima Neto²
Ricardo de Aquino Borges³

RESUMO

O presente artigo visa apresentar as ações extensionistas realizadas na cidade de São Raimundo Nonato – Pi, com o objetivo de realizar um inventário participativo dos bens patrimoniais locais e promover reflexões sobre o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural do município. Devido a pandemia de Covid 19, optamos pelo uso de ferramentas virtuais e da “etnografia digital” para a realização da coleta de dados e viabilização do Inventário, além disso criamos um perfil no Instagram para divulgar as informações compartilhadas pelos nossos colaboradores. Até o momento 35 pessoas contribuíram com o Inventário Participativo, compartilhando conosco objetos e lugares, histórias e vivências nas quais a simbiose entre as memórias individuais e coletivas são evidentes, revelando que o significado de “patrimônio” pode, e deve, ser ampliado.

Palavras-chave: Inventário participativo; Patrimônio cultural; Arqueologia Pública; São Raimundo Nonato.

ABSTRACT

¹Doutor em Arqueologia (UFPE). Docente do Colegiado de Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF e dos Programas de Pós-Graduação em Arqueologia da UNIVASF e da UFPE. E-mail para contato: alencar.amaral@univasf.edu.br

²Graduando em Arqueologia. Bolsista PIBEX, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNVASF).

³Graduando em Arqueologia. Bolsista BIA, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNVASF).

This article aims to present the actions carried out in São Raimundo Nonato - Pi, with the objective of carrying out a participatory inventory and promoting reflections on the recognition and appreciation of the cultural heritage of the municipality. Due to the Covid 19 pandemic, we chose to use digital tools and "digital ethnography" to collect data and make the Inventory viable, in addition we created an Instagram profile to disclose the information shared by our informants. So far, 35 people have contributed to the Participatory Inventory, sharing with us objects and places, stories and experiences in which the symbiosis between individual and collective memories is evident, revealing that the meaning of "heritage" can, and should, be expanded.

Keywords: Participatory inventory; Cultural heritage; Public Archeology; Saint Raimundo Nonato.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar las acciones realizadas en São Raimundo Nonato - Pi, con el objetivo de realizar un inventario participativo y promover reflexiones sobre el reconocimiento y valoración del patrimonio cultural del municipio. Debido a la pandemia del Covid 19, optamos por utilizar herramientas digitales y "etnografía digital" para recolectar datos y viabilizar el Inventario, además creamos un perfil de Instagram para divulgar la información compartida por nuestros informantes. Hasta el momento, 35 personas han contribuido al Inventario Participativo, compartiendo con nosotros objetos y lugares, historias y vivencias en las que se evidencia la simbiosis entre memorias individuales y colectivas, revelando que el significado de "patrimonio" puede y debe ser ampliado.

Palabras clave: Inventario participativo; Patrimonio cultural; Arqueología Pública; São Raimundo Nonato.

INTRODUÇÃO

Entre 2017 e 2019 implementamos como o apoio da Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) o projeto "Outros olhares sobre São Raimundo Nonato-PI: construção de narrativas colaborativas e multivocais sobre o patrimônio cultural local". Naquela ocasião, tivemos a oportunidade de promover oficinas de fotografias, exposições e coletar o relato de moradores locais sobre suas comunidades e histórias de vida. Foi nesse processo que identificamos, com o auxílio de nossos colaboradores, a demanda pela realização de um inventário dos bens patrimoniais que fosse elaborado em parceria com os moradores locais.

Assim, em 2020, demos início a estruturação e implementação do projeto "Patrimônio de quem e para que: inventário participativo do patrimônio cultural de São Raimundo Nonato

– PI”, cujas premissas e ações realizadas até o momento servirão de base para estruturação do texto em tela.

Como o nome sugere, o referido projeto tem por objetivo promover um inventário participativo com vistas a engendrar reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural no município de São Raimundo Nonato – PI. Deste modo, nosso interesse é realizar um inventário participativo dos bens patrimoniais do município que seja um instrumento para divulgação e valorização das identidades locais, bem como das narrativas e saberes tradicionais.

Como preconizado pelo Iphan (2016, p.9), o inventário participativo tem como objetivo “construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas”. Nesse movimento, buscamos promover ações visando um levantamento dos bens patrimoniais do município, a partir das memórias e dos anseios da comunidade local. Nosso principal interesse foi, e continua sendo, envolver os moradores locais nos processos de identificação e valorização do “patrimônio cultural” de São Raimundo Nonato, fomentando assim o protagonismo de diferentes atores sociais no processo de produção, transmissão e divulgação do conhecimento sobre os bens patrimoniais.

Apesar da Constituição brasileira promulgar que a “identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988) devem ser considerados para a definição, preservação e divulgação do patrimônio cultural nacional, diversos autores (ABREU, 2007; ALMEIDA, 2002; FUNARI, 2007; HORTA, 1999) tem discutido como ao longo dos últimos anos tem prevalecido uma perspectiva elitista e limitada sobre este tema. Para superação desses problemas, acreditamos serem necessárias ações que democratizem os parâmetros e mecanismos de definição do que venha a ser o patrimônio cultural, ou os bens patrimoniais, de uma determinada comunidade; estimulando assim a reflexão e o pensamento crítico sobre esses conceitos: Patrimônio de quem? Patrimônio para que?

No âmbito da arqueologia o escrutínio dessa temática e seus problemas está, geralmente, associado ao desenvolvimento da chamada Educação Patrimonial e aos campos de interesse da Arqueologia Pública.

Em arqueologia, a Educação Patrimonial, não deve ser confundida com a mera divulgação de dados ou conclusões. Ela visa oferecer meios que nos permitam reconhecer nossos elos com o passado (tanto colonial quanto pré-colonial), e assim engendrar processos que nos encaminhem a nutrir apreço e zelo pelo patrimônio. Como assinalado por Horta (1999):

A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático centrado no patrimônio cultural, como instrumento de afirmação da cidadania. Objetiva envolver a comunidade na gestão do Patrimônio, pelo qual ela também é responsável, levando-a a apropriar-se e a usufruir dos bens e valores que o constituem (HORTA, 1999, p. 09).

Estes mesmos interesses são compartilhados pelos correligionários da Arqueologia Pública. Que pode ser definida como uma ciência aplicada e interdisciplinar, que capacita e auxilia educadores, pedagogos, historiadores, museólogos e outros especialistas em recursos culturais na elaboração de estratégias para transmitir o valor do patrimônio arqueológico e do conhecimento gerado pelos arqueólogos (ALMEIDA, 2002).

A Arqueologia Pública, cada vez mais, vem se firmando como um campo de estudos interdisciplinar que tem como uma das suas principais metas possibilitar não apenas que a sociedade tenha acesso ao conhecimento arqueológico, mas também torná-la co-partícipe no desenvolvimento das pesquisas (ASCHERSON, 2000). Deste modo, a Arqueologia Pública tangencia assuntos como memória, educação e etnicidade, privilegiando sempre os mecanismos de ligação entre as comunidades e seu patrimônio. Tal direcionamento tem como consequência a elaboração de estratégias transversais de preservação e comunicação dos bens patrimoniais e das narrativas construídas sobre eles.

Nesse cenário, o foco é a promoção de ações que levem as comunidades a se identificarem, e se responsabilizarem, por seu patrimônio cultural, sendo os “inventários participativos” uma ferramenta importante nesse processo. De acordo com as diretrizes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016) o principal objetivo dos inventários participativos é promover

a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação. A iniciativa visa propiciar aos usuários o contato com princípios de uma pesquisa de campo, técnicas básicas de levantamento documental, sistematização e interpretação de dados e difusão de informações (IPHAN, 2016, p.6).

Para tanto, é fundamental reconhecer a “comunidade como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural” (IPHAN, 2016, p.5).

Neste mister, coadunando com as diretrizes elencadas acima, buscamos convidar as pessoas do campus Serra da Capivara, especialmente os discentes, para realização do inventário

participativo do patrimônio cultural de São Raimundo Nonato. Deste modo, as narrativas construídas neste processo foram pautadas pelas relações familiares e vínculos afetivos, que não apenas são a base para construção das identidades sociais, como também para a identificação e valorização do patrimônio cultural. Assim, buscamos identificar, divulgar e valorizar o que a comunidade local reconhece enquanto bens relevantes graças à sua ontológica e afetiva vinculação com a memória (individual e coletiva) e a vida das pessoas que hoje vivem no município.

A promoção de atividades que visam o levantamento, valorização e divulgação de bens patrimoniais considerados relevantes por pessoas normalmente excluídas dos discursos acadêmicos e/ou oficiais é algo que vem sendo propagado por autores com diferentes formações (ABREU, 2007; ALMEIDA, 2002; FUNARI, 2007; HORTA, 1999; HODDER, 1999). Assim, no contexto de São Raimundo Nonato, urge a necessidade de construção de novas narrativas sobre o passado e o patrimônio cultural local, que não se limitem à inquestionável importância do Parque Nacional Serra da Capivara. Para tanto, reconhecer a potencialidade e relevância dos saberes das comunidades locais, aqui representados pelos familiares dos discentes e pessoas do campus Serra da Capivara, é algo imprescindível, visto sua capacidade de catalisar meios e ações que possam incentivar a articulação de novas perspectivas sobre nosso patrimônio cultural.

MÉTODOS

Na tentativa de alcançar nossos objetivos lançamos mão de uma abordagem metodológica essencialmente vinculada a pesquisa qualitativa⁴. Que engloba tanto pesquisa

⁴ A origem da pesquisa qualitativa já se encontra “convincentemente documentada” e remonta aos estudos do alemão Franz Boas, considerado o primeiro antropólogo a residir nos contextos de origem de seus colaboradores, ainda que em curtos períodos de tempo; e aos pesquisadores da chamada “Escola de Chicago”, que prosseguiram e perseguiram a tradição antropológica do trabalho de campo – o que incidiu principalmente na “observação participante” (SANTOS FILHO, 2001). Esta ontologicamente associada a coleta e problematização de dados que não são passíveis de serem matematizados. É uma abordagem largamente utilizada no universo das ciências sociais, quando a opção é trabalhar principalmente com representações sociais, que a grosso modo podem ser entendidas como a visão de mundo. Buscar uma explicação da realidade via abordagem qualitativa corresponde compreendê-la a partir da revelação dos mapas mentais dos sujeitos da investigação. Interessa, pois, nessa abordagem apreender as percepções comuns e incomuns presentes na subjetividade das pessoas envolvidas na pesquisa, notadamente na condição de sujeitos. Prestam-se como instrumentos de coleta de dados nessa abordagem a entrevista, questionários abertos, registros fotográficos, filmagens, técnica de discussão em grupo, observação sistemática e participante e outras que o investigador poderá criar e/ou adaptar (SANTOS FILHO, 2001).

bibliográfica-documental⁵ quanto a “pesquisa de campo”⁶, e que embora admita uma etapa descritiva, esta pautada no levantamento de informações através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, procurando compreender o sentido que os sujeitos atribuem a estes fenômenos (SANTOS FILHO, 2001, p. 16).

Todavia, as consequências trazidas pela pandemia de Covid 19, especialmente a necessidade de distanciamento social no período de 2020 e 2021 anterior a implementação da vacinação em larga escala, nos levaram a adaptar as atividades inicialmente previstas pelo projeto, sem, contudo, abrir mão de uma abordagem essencialmente qualitativa e socialmente engajada. Os “trabalhos de campo” e o público alvo do projeto, tiveram que ser adaptados devido a necessidade de distanciamento social. Assim sendo, o inventário outrora direcionado aos moradores do entorno do campus Serra da Capivara, foi redimensionado para envolver os discentes e pessoas do mesmo campus. Eles foram os nossos elos de contato com a comunidade, compartilhando memórias, narrativas e objetos associados ao seu círculo familiar.

A mudança do público alvo, nesta etapa da pesquisa, não interferiu na viabilidade do levantamento sobre o patrimônio cultural do município, todavia, a impossibilidade da realização de atividades presenciais inviabilizou o emprego de métodos “clássicos” das Ciências Sociais (entrevistas semi-estruturadas, observação participante, etc). Deste modo, optamos por lançar mão de outras ferramentas para coleta de dados, executando a chamada “etnografia digital”, que pode ser compreendida como uma forma de

Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo mas atinja também um público extra-acadêmico (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 198-201).

Assim, nosso “levantamento etnográfico”, foi readequado para ocorrer de modo não presencial, mas continuou tendo como mote a viabilidade de uma produção acadêmica

⁵ Como salienta Antônio Raimundo dos Santos (2002, p. 33) a pesquisa bibliográfica deve anteceder todos os tipos de pesquisas. Esta pesquisa é feita a partir de material escrito (livros, artigos, internet, revistas, jornais e anais...). *A Pesquisa Documental* é o emprego de qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluindo nesses documentos, impressos, manuscritos, atas, registros audiovisuais e sonoros, imagens, independentemente do período decorrido desde a primeira publicação.

⁶ Pesquisa de campo: é aquela que coleta dados primários, ou seja, aqueles obtidos diretamente na fonte, independentemente se a abordagem é qualitativa ou quantitativa (MATTOS, 2011). O campo aqui tem sentido genérico, pode tanto ser os bairros no entorno do campus Serra da Capivara, quanto os momentos de conversa com moradores locais ou a realização do inventário participativo.

comprometida socialmente e que contribua para a transformação prática de uma dada realidade (FRANCO, 2005, THIOLENT, 1986). Desta forma atuamos tanto na formação de uma rede de colaboradores, buscando estabelecer mecanismos digitais de comunicação (através de e-mail e mídias sociais como Instagram, Facebook, WhatsApp, etc.) com discentes do campus Serra da Capivara, quanto realizando entrevistas e atividades que viabilizassem a realização do Inventário Participativo.

Deste modo, no planejamento e execução dos trabalhos buscamos adaptar as diretrizes presentes no manual de aplicação do Iphan sobre “inventários participativos” (IPHAN, 2016). Assim, inicialmente, foram encaminhados e-mails e mensagens nas plataformas virtuais para identificação e consolidação da rede de colaboradores, e missivas posteriores para apresentação dos objetivos e procedimentos para realização do inventário.

Do ponto de vista prático, a busca por possíveis colaboradores teve início em novembro de 2020, e ainda segue em andamento. Utilizamos principalmente as mídias sociais (WhatsApp e Instagram) para divulgar os objetivos do projeto, convidar as pessoas a participarem e explicar como as contribuições poderiam ser encaminhadas. Assim, um e-mail (projetopibex2020@gmail.com) e um questionário eletrônico na plataforma Google Forms (<https://forms.gle/zys2Sc2po76ZqWTAA>) foram criados, e um convite explicativo e o link com o questionário (Figura 1) foram encaminhados principalmente via WhatsApp para grupos e contatos pessoais de discentes do campus Serra da Capivara, que eram estimulados a compartilharem o material com seus amigos, parentes e vizinhos e também auxiliar pessoas mais velhas a preencherem o formulário.

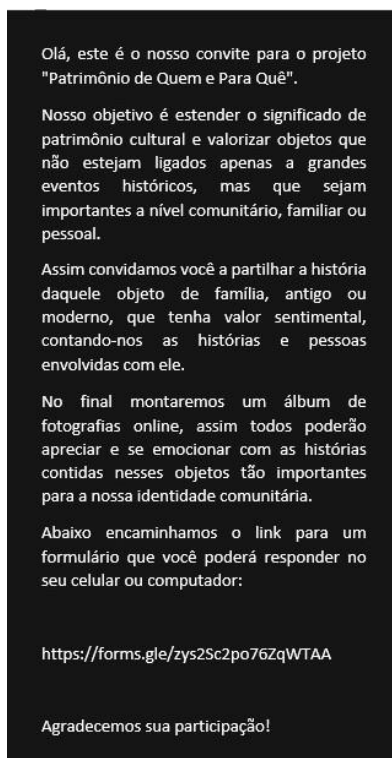


Figura 1. Convite digital explicando os objetivos do projeto e solicitando a participação.

Fonte: Própria dos autores.

As questões propostas no formulário, foram baseadas na bibliografia da área e buscaram gerar dados que serviram de base para o preenchimento das fichas sobre os bens patrimoniais disponibilizadas pelo Iphan (2016). Além da identificação e dos contados dos colaboradores (telefone, e-mail), o questionário eletrônico continha perguntas sobre a história de vida dos objetos e/ou bens selecionados pelos colaboradores: quando e como foram adquiridos; os significados familiares e/ou comunitários; as atividades privadas ou públicas relacionadas a eles; suas características, modo de produção e os materiais utilizados; o estado de conservação e a necessidade de manutenção, etc; além disso, deveriam ser encaminhadas de uma a cinco fotos (Figuras 2). Em alguns casos, informações adicionais foram solicitadas aos colaboradores, que as enviavam por mensagens de texto ou áudio pelo WhatsApp.

1. Escreva seu NOME e, caso tenha, deixe-nos seu E-MAIL ou TELEFONE.

Sua resposta

2. Qual o NOME e O QUE É o objeto que você escolheu.

Sua resposta

3. Anexe aqui de 1 a 5 FOTOS do objeto que você escolheu.

Adicionar arquivo

4. HISTÓRIA. Conte-nos que histórias envolvem o objeto. Há algum acontecimento marcante no qual ele está envolvido? Que pessoas se relacionam a ele? POR QUE, QUANDO e POR QUEM ele foi adquirido?

Sua resposta

5. SIGNIFICADOS. Indique quais os pontos positivos que, na sua opinião, tornam esse objeto importante para você, sua família ou comunidade. Que motivos o(a) levaram a escolhê-lo para esta pesquisa?

Sua resposta

6. ATIVIDADES RELACIONADAS. O objeto está ou já esteve associado a saberes transmitidos pelos mais velhos, ou a crenças/festejos populares ou religiosos?

Sua resposta

7. MODO DE PRODUÇÃO e MATERIAIS. Você consegue identificar o fabricante do objeto? Sabe dizer algum processo que foi utilizado na confecção do objeto? (Se ele foi modelado, pintado, esculpido, etc). E de que materiais ele é constituído?

Sua resposta

8. ESTADO DE CONSERVAÇÃO. O objeto está bem ou mau conservado? Há partes rachadas, quebradas ou faltantes? Que problemas, se existem, ele apresenta?

9. NOVOS SIGNIFICADOS? O objeto ganhou novos significados com o passar do tempo ou ainda é utilizado em sua função original? Permanece guardado ou é usado como decoração?

Sua resposta

10. RISCOS e MANUTENÇÃO. Quais são os cuidados necessários para manutenção do objeto? Indique, se houver, os aspectos que ameaçam sua existência.

Figura 2. Formulário on-line para coleta de dados.

Fonte: Própria dos autores

Por fim, com o intuito de dar visibilidade as narrativas e bens selecionados por nossos colaboradores, divulgar o inventário participativo dos bens culturais da região e incentivar um maior número de pessoas a contribuírem com a proposta, foi criado um perfil do Instagram (@patrimoniaoraaimundo), onde são postadas imagens e informações sobre os bens patrimoniais selecionados por nossos colaboradores e colaboradoras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o momento 35 pessoas contribuíram com o Inventário Participativo, compartilhando conosco objetos e lugares, histórias e vivências nas quais a simbiose entre as memórias individuais e coletivas são evidentes (HALBWACHS, 1990), revelando ainda como o significado de “patrimônio” pode, e deve, ser ampliado quando abandonamos uma perspectiva burocrática, academicista e elitista em prol da valorização da pluralidade e do afeto. Antes de desenvolvermos esse argumento são necessárias algumas reflexões sobre a “amostra” alcançada.

É preciso reconhecer que contexto pandêmico influenciou tanto o número de participantes do inventário, quanto os tipos de objetos selecionados. Por exemplo, algumas pessoas com as quais entramos em contato disseram que naquele momento não poderiam contribuir com o levantamento pois o objeto que gostariam de mostrar estava na casa de pessoas mais velhas, como tios e avós, que naquela ocasião estavam fazendo isolamento social devido a pandemia de Covid-19. Do mesmo modo, a metodologia empregada, que exigia acesso e certa familiaridade com ferramentas digitais e mídias sociais (Google Formulários e WhatsApp) certamente interferiu no perfil dos colaboradores, visto que apesar de estimularmos que as pessoas mais jovens além de mandarem suas contribuições também auxiliassem idosos nesse processo, essa não foi uma prática recorrente e majoritariamente o inventário foi realizado com informações encaminhadas por pessoas com acesso e domínio dos meios digitais.

Apesar disto, houve grande variedade e diversidade das narrativas e objetos selecionados por nossos colaboradores e colaboradoras. Espaços de convivência social e experiências sobrenaturais, artefatos de uso cotidiano, brinquedos de infância, “reliquias” de famílias e uma grande diversidade de coisas, foram selecionadas por nossos colaboradores quer seja por seu valor afetivo, estético, simbólico, ou por sua correlação com laços de consanguinidade e afinidade, desejos pessoais e trajetórias de vida.

Como discutido por Halbwachs (1990, p. 51), construímos nossas lembranças e representações sobre os fatos, lugares e objetos por intermédio das relações sociais e das memórias das pessoas que nos cercam. Assim sendo, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências. Deste modo, não é coincidência que muitos dos objetos, e até lugares, selecionados por nossos colaboradores e colaboradoras sejam amplamente familiares e recorrentes nas vivências cotidianas de pessoas dos sertões nordestinos.

Como exemplos podemos mencionar as contribuições de Ivanéia Rocha de Oliveira, Daniela Pereira dos Santos e Lucas Ribeiro dos Santos Assis. Ivanéia compartilhou conosco a história de um “pote de água” (Figura 3) adquirido por sua avó (Maria Nunes Rocha) e confeccionado por uma artesã local (Dona Olinda). A relevância deste objeto fica explícita nas palavras de Ivanéia:

Considero importante pela história e essência de sua função. Em períodos de secas prolongadas, comuns no semiárido, o pote de barro servia para a armazenagem d'água devido à ausência de outros recipientes, sendo raro vasilhas de plástico, vidro e etc. E também, na ausência de eletricidade e sem

o impensável uso da geladeira, o pote a mantinha conservada e dava "frescor" a água, tornando-a levemente mais fria do que a temperatura ambiente, numa época em que essa era a mais avançada tecnologia. Além disso, sua fabricação era transmitida como forma de tradição dos mais velhos aos mais jovens, além de trazer renda às famílias.



Figura 3. Pote de Água.

Fonte: Ivanéia Oliveira.

Por sua vez, Daniela selecionou um “velho candeeiro” (Figura 4), que segundo ela “sempre esteve presente em nossas casas, clareando nossas noites. Sempre guardado em minhas lembranças de criança de quando minha Vó rezava o terço a luz do candeeiro, entre muitos outros momentos em que ele esteve presente”. Como é revelado por esta colaboradora, este objeto perdeu muito de sua funcionalidade prática com a chegada da “energia elétrica”, todavia, o mesmo ainda mantém sua capacidade de ser um catalizador de lembranças e memórias sobre um passado recente no qual se por acaso faltavam algumas das comodidades modernas essas eram superadas pela sabedoria e solidariedade dos familiares.



Figura 4. Candeeiros.

Fonte: Daniela Santos.

Já Lucas nos falou sobre o “Umbuzeiro das Mortes”, localizado na localidade de Jatobá dos Ferros em Jurema cidade próxima a São Raimundo Nonato. Para Lucas aquele espaço adquire um inquestionável valor histórico e patrimonial pois:

Esse umbuzeiro é marcado por histórias e memórias comunitárias sobre a antiga presença indígena nesse local, sobre a presença de fenômenos como aleivosias (fantasmas), além de várias histórias sobre violências e assassinatos ocorridos nesse lugar. Uma das histórias mais chamativas sobre esse umbuzeiro, ocorreu a mais de 50 anos atrás, pertencente a Hildemar Assis (meu pai) e Euzébio Assis (meu tio de 2º grau), estes contam que em uma certa ocasião, em meio a "seca braba do sertão", foram cavar uma batata de umbu nessa árvore, e acabaram encontrando "um pote cheio de ossos de gente morta dentro", um possível enterramento indígena. Estes contam que quando localizaram esse pote, existia uma tampa que o cobria, quebraram essa tampa e logo perceberam algo totalmente espantoso aos mesmos, narrando algo típico da comunidade e da família quando veem algo assustador: "Eu te arrenego cão, tá cheio de osso véi de gente morta".

Além disso, os depoimentos dos nossos colaboradores e colaboradoras tem demonstrado que os mecanismos para a identificação e valorização dos bens patrimoniais não perpassam necessariamente por critérios de “antiguidade e relevância histórica” tais como preconizados por alguns órgãos e instituições de gestão. Assim, por exemplo, Lorena Alves da

Silva Aragão elencou seu aviãozinho de plástico (Figura 5), fabricado no ano de 2018, como o objeto com o qual ela nutre não apenas apreço e cuidado, visto que o mesmo é capaz de lhe proporcionar não apenas lembranças felizes, mas também representar seu apreço por aeronaves. Em suas palavras: “O meu fetiche em avião de brinquedo foi adquirido através de um evento que presenciei, no qual pilotos da Força Aérea Brasileira faziam acrobacias no ar, isso se tornou uma memória marcante e comecei a desenvolver admiração por aviões”.



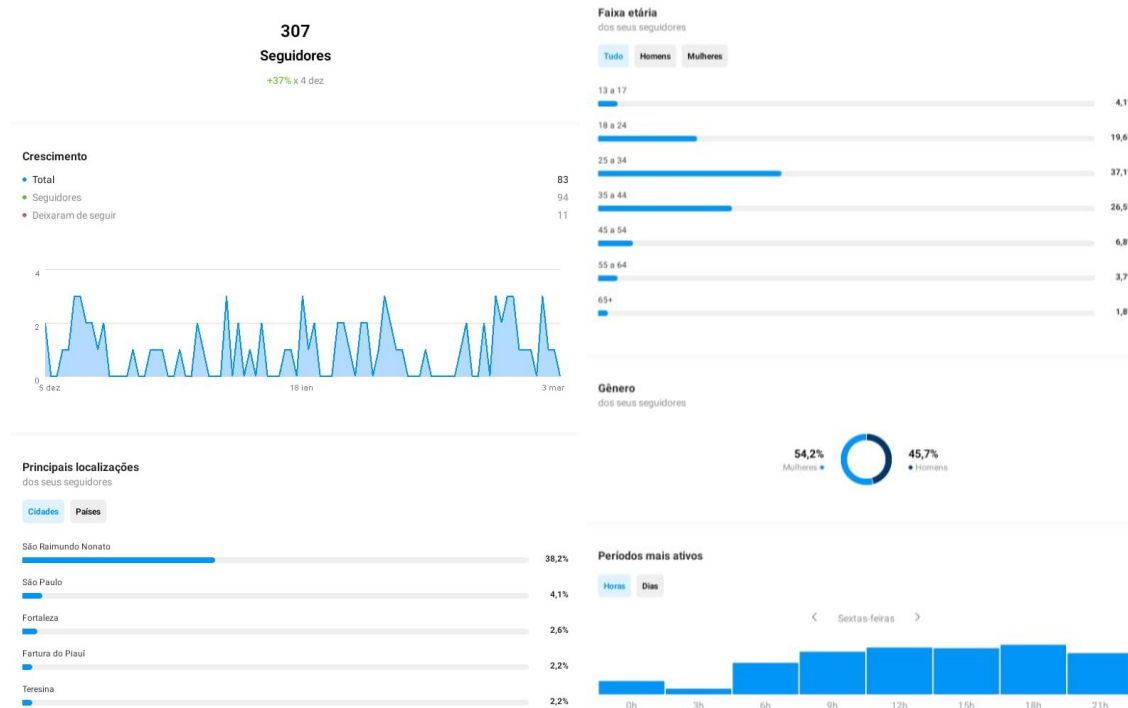
Figura 5. Avião de brinquedo.

Fonte: Lorena Aragão.

Com o intuito de dar visibilidade as narrativas e objetos selecionados por nossos colaboradores, divulgar o inventário participativo dos bens culturais da região e incentivar um maior número de pessoas a contribuírem com a proposta, foi criado um perfil do Instagram (@patrimoniosaoraimundo). Nesta página vem sendo postadas as imagens e informações sobre os bens patrimoniais elencados por nossos colaboradores e colaboradoras, sendo um meio interessante não apenas para a divulgação do projeto e seus resultados, mas também para a geração de dados sobre o público que, de alguma forma, tem interesse na temática patrimonial.

Visto que a conta do Instagram foi configurada como conta pública, isto possibilitou ter acesso à ferramenta do aplicativo chamada Insights. Através dessa ferramenta foi possível colher números sobre os seguidores da página no período de 05 de dezembro de 2021 a 04 de março de 2022, como crescimento da página, principais localizações de acesso dos seguidores,

faixa etária, gênero e dados relacionados aos dias da semana mais ativos e os horários de maior acesso (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7. Dados do perfil dos seguidores.

Fonte: Instagram modificado pelos autores.

Assim o perfil foi seguido por 307 pessoas, majoritariamente moradoras de São Raimundo Nonato (38,2%) e de outras cidades do Piauí (Fartura do Piauí – 2,2%; Teresina 2,2%), todavia, podemos observar que a iniciativa também tem atraído o interesse de pessoas de outros estados como São Paulo (4,1%) e Ceará (2,6%). Quanto ao perfil das pessoas que tem acompanhado o projeto através do Instagram observamos um ligeiro predomínio no número de mulheres (54,3%), mas, a participação masculina também é significativa (45,7%). Também podemos constatar uma significativa diversidade na faixa etária dos seguidores (entre 13 e mais de 65 anos de idade), indicando que o projeto foi capaz de atrair a atenção de jovens, adultos e idosos; contudo, observa-se que mais de 80% das pessoas que seguem o projeto pelo Instagram tem entre 18 a 44 anos.

Vale ressaltar que os dados apresentados acima não revelam o total do público atingido por essa ação extensionista, visto que, essa ferramenta do Instagram só fornece dados sobre os seguidores da conta, não fornecendo informações sobre os internautas que visualizam e não

interagem com a página do projeto ou sobre as pessoas que curtiram e/ou comentaram nossas publicações. Apesar disso, além de indicar o potencial das ferramentas digitais e mídias sociais na cooptação de um público abrangente e diversificado, as informações apresentadas também revelam que, em certa medida, o projeto vem alcançando seu objetivo tanto ao envolver as pessoas de São Raimundo Nonato na concretização do inventário participativo, quanto ao atrair a atenção de moradores locais e de outras cidades para a pluralidade de formas e significados que os bens patrimoniais podem assumir. É interessante observar que a apesar do potencial e abrangência global das mídias sociais há o predomínio de seguidores de São Raimundo Nonato e de municípios circunvizinhos. Acreditamos que esse cenário não seja simplesmente um correlato dos recortes estabelecidos pelo projeto, mas sim um indicativo do interesse e engajamento da comunidade local com o seu patrimônio cultural; especialmente quando esse patrimônio é identificado e definido a partir de critérios familiares e afetivos, que apesar de imersos em sentimentos e experiências pessoais são capazes de refletir vivências e anseios coletivos.

Assim, as ações promovidas durante o projeto contribuíram para valorização e divulgação de narrativas e bens normalmente desconsiderados pelos “olhares e saberes autorizados” sobre o patrimônio. Portanto, ao dar visibilidade e relevância a histórias e bens afetivos o projeto contribui para a melhoria da autoestima das pessoas que participaram da proposta, e estimula uma reflexão crítica entre os demais setores da população sobre o patrimônio local.

A realização do inventário participativo vem sendo realizada com total autonomia e agência dos colaboradores; os formulários elaborados pela equipe servem como ferramenta para que essas, e outras pessoas, possam registrar objetos, locais e histórias que julguem importantes. Do mesmo modo, o uso de mídias sociais para a coleta e divulgação dos dados, revelam o potencial de uso destas mídias para divulgação e cobrança de temas e demandas importantes para os coletivos locais.

Portanto, acreditamos que nossa compreensão a respeito dos bens de valor histórico, arqueológico e cultural, pode ser expandida quando nos dispomos a valorizar o que a comunidade local tem a dizer sobre eles. Como discutido por Hodder (1999), cada vez mais é preciso que adotemos uma postura reflexiva, relacional, interativa e multivocal, diante das demandas de diversos grupos acerca do passado e do patrimônio. Este quadro exigiria o fomento de uma Arqueologia socialmente engajada que tem como objetivo incorporar múltiplas

vozes no discurso produzido sobre os bens patrimoniais e sobre o passado. Em outras palavras, sob a égide desta abordagem busca-se reconhecer que os relatos a respeito do passado e do patrimônio desempenham um importante papel na formação de identidades de grupos e indivíduos; e, assim sendo essas pessoas devem ter direito de formular a sua interpretação alternativa sobre seu passado e patrimônio cultural.

Deste modo, buscamos através das ações promovidas no âmbito de nosso projeto impulsionar de forma mais democrática a divulgação e problematização do patrimônio cultural do município, dando voz e poder de escolha a comunidade para criação do inventário cultural. As entrevistas e os dados coletados vêm se mostrando promissores no tocante a problematização do conceito de patrimônio, levando-o para além ambiente acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Hodder (1999) partimos da premissa que cada vez mais é necessário que as pessoas das comunidades locais ganhem protagonismo na definição, preservação e divulgação do patrimônio cultural. De acordo com o autor, este é um movimento decisivo na tentativa de inserir a produção do conhecimento em estruturas mais democráticas e éticas. Ou seja, para nos afastarmos dos perigos do “eurocentrismo e do colonialismo” devemos incorporar em nossas atividades (práticas e teóricas), meios que promovam a multivocalidade e a valorização do pluralismo, tornado possível assim uma abordagem inclusiva.

Foram essas, portanto, as premissas basilares de nossa proposta de extensão. Acreditamos que, em certa medida, o quadro teórico-metodológico discutido corrobora com a pertinência e relevância do trabalho que vem sendo desenvolvido e, além disso, os resultados alcançados demonstram o seu potencial para estimular e expandir o levantamento dos bens patrimoniais. Portanto, o inventário participativo que vem sendo realizado tem possibilitado uma caracterização mais democrática e plural do contexto sócio-cultural de São Raimundo Nonato, contribuindo para a compreensão de suas especificidades e corroborando para a valorização e preservação do patrimônio cultural em suas manifestações regionais e locais.

Por fim, é preciso ressaltar a necessidade de continuarmos promovendo ações extensionistas pautadas em relações dialógicas e colaborativas, capazes de engendrar a formulação de saberes que sejam mutuamente relevantes e acessíveis para o corpo universitário e a sociedade em geral. Deste modo, Universidade e Sociedade serão capazes de juntas construir alternativas para a preservação e divulgação do patrimônio cultural, fomentando

com isso, a valorização das manifestações culturais locais e o sentimento de pertença e autoestima.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que disponibilizaram seu tempo e compartilharam conosco seus objetos, memórias e afetos; esse trabalho, e o inventário que vem sendo realizado só é possível graças a vocês. Também gostaríamos de agradecer os/as discentes que participaram como voluntários(as) no projeto Pibex Daniela Pereira dos Santos, Izabela Hernandez Cortez Lima, Júlia Maria Ribeiro de Macêdo e Edson de Oliveira Silva; e aqueles(as) integraram a turma de Núcleo Temático, Bárbara Costa, Lyvia Lyra, Sandra Santos, Vivianne Benigno, Adriana Ferreira da Silva, Joseane da Silva Fonseca, Thayane Bueno de Andrade e Ekles Araújo Mateus.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. R. M. R. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. *In: Apostila Seminários Temáticos: Arte e Cultura Popular*. 1 ed. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, 2007. p. 54-63.

ALMEIDA, M. B. **O Australopiteco Corcunda**: as crianças e a arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na Escola. 2002. 44f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ASCHERSON, N. The Museum of Scotland. **Public Archaeology**, v. 1, n. 1, p. 82-84, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília DF: Congresso Nacional, 1988.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa – ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FUNARI, P. P. **Arqueologia e Patrimônio**. São Paulo: Erechim Habilis, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.

HODDER, I. **The Archeological Process: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Educação Patrimonial**: inventários participativos. Brasília DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. *In*: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (org.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2001 p.13-59.

SOARES, A. L. R.; KLAMT, S. C. (org.). **Educação Patrimonial**: Teoria e Prática. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.

Artigo recebido em: 15 de abril de 2022.

Artigo aprovado em: 29 de abril de 2022.